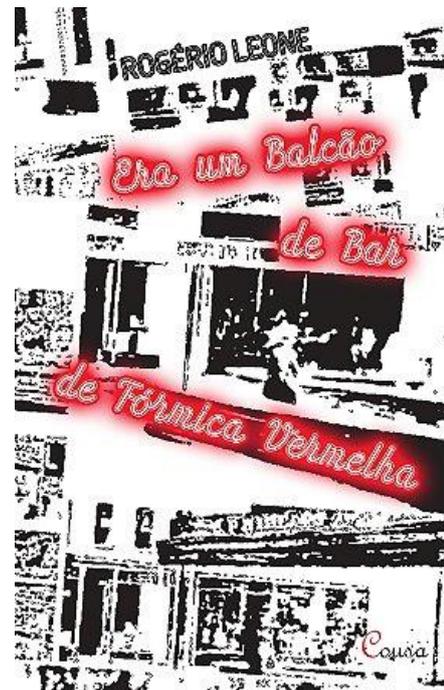


LEONE, Rogério. *Era um balcão de bar de fórmica vermelha*. Vitória: Causa, 2023.

Vera Márcia Soares de Toledo*



Tenho mais pena dos que sonham o provável, o legítimo e o próximo, do que os que devaneiam sobre o longínquo e o estranho. Os que sonham grandemente, ou são doidos e acreditam no que

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

sonham e são felizes, ou são devaneadores simples, para quem o devaneio é uma música da alma, que os embala sem lhes dizer nada. Mas o que sonha o possível tem a possibilidade real da verdadeira desilusão.

Bernardo Soares

Rogério Leone Evangelista nasceu em Vitória, em 1965, e se formou em Arquitetura e Urbanismo pela Ufes em 1989. Mesmo tendo exercido a profissão de arquiteto, amava a literatura por influência de muitas leituras das quais destacava: as obras de Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Paulo Leminski, Waldo Motta e artistas e compositores da MPB, como Arrigo Barnabé, Lupicínio Rodrigues e Alceu Valença. Mesmo este sendo seu primeiro livro publicado, escreveu poemas para blogs e revistas virtuais desde 2012. É muito pesaroso e triste pensar que este poeta tenha falecido, em agosto deste ano, sem poder gozar as apreciações ao seu trabalho há muito pensado, acalentado e, finalmente, editado em bela produção pela Cousa.

São 60 poemas que parecem resumir uma trajetória e se colocam como herança deixada aos leitores. Pequenas pedras cujo brilho refletem a efemeridade da existência. Difícil ler este acervo sem refletir, em primeiro lugar, a perda precoce do poeta. Porém, paradoxalmente, observa-se nos poemas de Leone uma celebração da vida em si mesma, mesmo quando tratam de tristezas, dores e pesares. Seus temas são: o amor, a música, a passagem do tempo, a cidade com seus espaços variados, a solidão, a desilusão e a dor de viver. Aditem-se como temas básicos da vida cotidiana de cada um, tratados com realidade, crueza, mas também com uma certa alegria, com otimismo e celebração. Mesmo com sofrimentos, o eu-poético de Leone revela-se um crente em sua voz e na capacidade de externar suas impressões interiores e vivenciar com inteireza as exteriores. O professor Benedito Nunes diz que: "Os grandes poetas são metafísicos fracassados: os grandes filósofos são poetas que crêem na realidade de seus poemas" (NUNES, 2007, p. 15).

Dentre as várias características da poesia do autor desses versos, a principal delas é a fé que ele deposita em sua escrita. E, a partir dessa fé, percorre seu olhar sincero às cenas vividas, ao pensamento esboçado sobre acontecimentos que o marcam, às impressões que se transformam em juízos e apreciações. Seu espaço é o da observação atenta e sensível como o *flâneur* representado por Baudelaire. Mas o Baudelaire de Walter Benjamin é o poeta impressionista de uma cidade grande, cosmopolita, em processo acelerado de transformação e emblema da modernidade nascente do século XIX. Como Daise Pimentel se pronuncia:

Nesse momento da modernidade, figuras contraditórias convivem: não mais o artesão, mas o trabalhador assalariado, nascido com a Revolução Industrial, cruza nas ruas com o *flâneur*, figura pré-capitalista que sobrevive na grande cidade, assim como o homem múltiplo e fragmentado da modernidade, representado por Baudelaire. Baudelaire tem a autoconsciência da modernidade. Sua tarefa: “dar forma à modernidade” (PIMENTEL, 2002, p. 90).

Já Rogério Leone faz passar ante seus olhos e também dos leitores um espaço que não é só urbanidade em decadência, mas um exterior transformado por sua ótica. Um olhar que não é trágico, mas lírico. Como no poema “Os navios manobram no mar dos meus olhos” (LEONE, 2023, p. 17):

Os navios manobram no mar dos meus olhos
Fazem voltas, rodopiam no mar dos meus olhos
Invadem meus olhos com apitos e rebocadores

Mas o porto está além dos meus olhos
Não construí portais de entrada
Nem balizadores, nem faróis, nem trago
Nos meus olhos sinalizadores.

Os navios que manobram no mar dos meus olhos
Estão vazios de qualquer carga dramática
Estão à deriva, manobrando a esmo
Em termos de navegação, navios fantasmas

Meus olhos estão vazios agora e nem as caravelas
De Pedro Alvares Cabral têm licença para entrar.
Meus olhos sem mar são desertos de sal.

Quando trata de saudade, tristeza e choro em “Lição de casa” (p. 19), também faz passar diante dos olhos o “álbum antigo de fotos”, “as cartas guardadas na caixa”, “a coleção de Júlia” e os “livros de Alencar”, com a esperança de que o chorar possa trazer alívio interior. Leone traz no peito “um amor profundo” capaz de ultrapassar as agruras cotidianas e “acordar cedo” e dormir “dentro do mundo”. Mais uma vez, seu percurso tem a marca da visão positiva das coisas.

Entretanto, em “Meu corpo” (p. 20), ele reconhece que “já não tem condição de eliminar as substâncias tóxicas” porque seu

seu corpo de meia idade retém
A água das poeiras da mágoa.

Adiante, volta ao espírito de superação e revela que o “balcão ranhurado” pelo “ódio” de suas unhas é passado porque “ontem já é tarde” e o que passou não cabe no seu presente.

Nos poemas/intertextos com letras de canções, como a que dá título ao livro, ele faz menção à canção “Diversões eletrônicas”, de Arrigo Barnabé. A do poeta e a do cantor destacam a desilusão amorosa, a finitude das relações e da própria vida. E mesmo que Leone reconheça que “há sempre um rio para navegar”, a cor vermelha do coração em sangue, tanto na canção (“e você ali / naquele balcão de fórmica vermelha / chorando embriagado...”) como no poema (“a cor escura do seu coração tremula ao vento” [p. 28]) escancaram a dor da desilusão. Em “Alceu” (p. 44), há uma homenagem ao cantor e compositor Alceu Valença. A solidão é o tema. Novamente, a solidão que “devora”, na canção, é também “devoradora” e “fria”, no poema. Mas o eu lírico, na poesia, resgata que “sobra você”, mesmo que seja no olhar do poeta que fita o ser amado “no coletivo toda segunda de manhã” (p. 44).

Em “Lupicínico” (p. 50), novamente a dor do amor mal resolvido se dá como na canção de Arrigo Barnabé com “um copo de gin / e o cotovelo afundado na fórmica carmim do balcão de bar”. É “lupicínico” o poeta que rima amor com dor, mas também é “bendito”.

Percebe-se nos últimos poemas, a partir da p. 66 até o final, um certo pesar e um gosto amargo em relação ao viver. O tom poético apresenta uma mudança bem nítida no espírito do eu lírico. O choro torna-se mais presente, os sorrisos escasseiam, as observações dos espaços são mais sombrias, o abandono e a dor da solidão são sentidos até nas horas claras do dia e um certo pressentimento da finitude fica mais forte. Mas o poeta tem certeza que deixou marcas em sua trajetória e aqui, mais uma vez, transparece a fé na vida que é a característica mais evidente de sua obra.

Os versos desse poeta são uma grata e linda surpresa nas letras no Espírito Santo. Ele possui, apesar da única obra, uma força que ficará registrada por sua concisão, sensibilidade, inteireza e capacidade de “não mentir o sentimento”, que são características fortes de outra grande influência declarada em seu trabalho: Clarice Lispector.

por onde passo
deixo minha marca
um grafite, um lembrete
um pedaço do que em mim
não despedaça.
deixo minha marca
caso me procurem
e não encontrem meu endereço.

Referências:

DRUMOND, Josina Nunes. A paisagem urbana em Baudelaire. *Poesia: horizonte e presença*. Vitória: Ufes, 2002. p. 259-271.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Lisboa: Ática, 1982.

PIMENTEL, Daise de Souza. Século XIX, século XX: ruínas (Benjamin, Modernidade, Baudelaire). *Modernidades e pós-modernidades: literatura em dois tempos*. Vitória: Ufes, 2002. p. 88-97.

Recebida em: 31 de agosto de 2023.
Aprovada em: 06 de setembro de 2023.